



I E II FÓRUM SOCIAL MUNDIAL EM PORTO ALEGRE

Maria da Glória Gohn
UNINOVE/UNICAMP/CNPq-

Apresentação

As estatísticas internacionais demonstram que a partir dos anos 90 o número de indigentes e miseráveis no mundo cresceu com a globalização econômica neoliberal. Em contrapartida, houve um crescimento da riqueza concentrada nas mãos de poucos. Mas aumento da pobreza não é um dado estatístico de ordem meramente econômica. Ele é um dado político e como tal tem gerado duas reações entre os membros das redes do movimento antiglobalização: protestos nos encontros dos poderosos e ações inovadoras para superar a exclusão social via projetos de desenvolvimento sustentável.

O que apresentamos a seguir é o surgimento de um novo movimento social que se construiu a partir de 2001, no desenrolar do I Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre/Brasil. A partir da oportunidade política aberta pelos protestos contra o capital especulativo internacional, grupos de ONGs, movimentos e sindicatos se uniram, criaram redes de redes, e usando a criatividade elaboraram a proposta de um evento internacional que fosse um contraponto à agenda do Fórum Econômico Mundial, realizado anualmente

em Davos. Para que pudesse vir a ter visibilidade política internacional sua realização foi planejada simultaneamente ao um mega-evento (em temas de poder econômico), de Davos.

Segundo Hardt e Negri (2003), o Fórum Mundial Social de Porto Alegre tornou-se um mito, um mito positivo que define a representação de uma nova democracia cosmopolita, um novo transnacionalismo anti-capitalista, um novo nomadismo intelectual, um grande movimento de massa. O FSM teve rapidamente desdobramentos em termos de fóruns nacionais (brasileiro, europeu, italiano, francês etc.) e fóruns continentais (europeu, 2003; das Américas, 2004).

O FSM, assim como o movimento antiglobalização, é composto por uma rede de ONGs de natureza variada, sindicatos, movimentos sociais etc. Ele pode ser definido como uma rede de redes, ou um movimento composto por movimentos e redes ou movimentos em rede. Seguindo uma proposição de Manuel Castells (2004) podemos classificar o FSM como um movimento social global.

O FSM não é um evento acadêmico, embora apresente análises e palestras de "acadêmicos". Ele é um evento político. Seu eixo estruturante não é a análise teórica bastante usual nos congressos científicos. Análises da conjuntura são feitas, assim como apresentam-se inúmeras experimentações alternativas, desenvolvidas por ONGs, movimentos sociais, sindicatos, poderes públicos em parceria com a comunidade organizada ou com organizações do terceiro setor etc. Em 2002, alguns organizadores do FSM argumentaram " O Fórum tem essa vertente de mobilização, de protesto, mas ele também possui um lado propositivo, de debates de idéias. O que significa fundamentalmente uma aposta na política..." (Sérgio Haddad, " Fórum Social rejeita o espírito de Seattle", *Folha de São Paulo*, 21/02/02, p. A6). O FSM é diverso e plural, tanto do ponto de vista das correntes político-partidárias que há em seu interior, das ideologias e projetos políticos que alimentam seus projetos, programas e propostas; das matrizes políticas, ideológicas e religiosas que participam do mesmo; assim como das culturas locais e nacionais que professam e defendem.

Alguns analistas incluem o FSM como uma das frentes do movimento antiglobalização econômica. Consideramos isso um equívoco mas certamente que há elementos comuns que unem as duas formas de manifestação da sociedade civil organizada destacando-se a de terem posição contrária ou diferente das políticas econômicas

implementadas pelo modelo da atual globalização econômica, principalmente devido aos seus efeitos. Por isso a miséria é combatida (e não apenas a pobreza), pois ela é um efeito da globalização econômica. Quanto as causas da situação de miséria, os denominadores comuns são muito poucos porque o leque de posições, valores, referenciais paradigmáticos, e projetos políticos, das organizações daqueles que participam das manifestações do FSM e do movimento antiglobalização é grande e heterogêneo, oscila entre diferentes matizes da esquerda, a posições liberais de centro. Nem todas as instituições membros do FSM participa simultaneamente dos dois tipos de eventos. As coordenações do movimento antiglobalização e do FSM também são distintas. O FSM criou em 2002 um conselho internacional integrado por 58 entidades. O comitê brasileiro é integrado por oito entidades.

Em 2002 os manifestantes do movimento antiglobalização participaram também do II Fórum Social ocorrido em Porto Alegre, ocorrido na mesma data do Fórum Econômico Mundial em Nova York, FEM/NY. Além disso, ocorreram seminários e reuniões promovidas pelo ATTAC - entidade bastante ativa no movimento antiglobalização, no FSM I, II e III. Entretanto, neste ano de 2002, três grupos pertencentes ao movimento antiglobalização - a Ação Global dos Povos, o Black Bloc espanhol e a FAG- Federação Anarquista Gaúcha manifestaram-se contra a realização do II FSM, (assim como contra o FEM/NY) e prometeram realizar atos de protestos contra pois consideraram o FSM "reformista". De fato ocorreram alguns atos, isolados, que tiveram pouca repercussão em face a proporção do II FSM enquanto evento em si (além da tentativa de ocupação de um prédio em Porto Alegre, um grupo de jovens anarquistas, pertencentes a uma das alas do movimento antiglobalização, jogou uma torta no rosto da ministra da Juventude da França - pertencente ao Partido Comunista Francês- quando ela se preparava para dar uma entrevista em Porto Alegre).

Para nós o FSM é, em si, uma rede de redes. Neste sentido concordamos com Gilson Schwartz quando diz que as informações sobre o FSM (referindo-se ao II FSM) " espelha um estilo de organização social que não se encaixa nos modelos habituais de representação e de mobilização" (*Folha de São Paulo*, 10/02/02, p. B2). O FSM, ao protestar contra a atual globalização econômica, fortaleceu a rede de um outro tipo de globalização: a sociocultural, tecida por alguns valores universais-como a solidariedade e a

justiça social e pela troca de experiências culturais nacionais gerando novas articulações no plano da cultura, de caráter transnacional.

A cobertura dada pela mídia brasileira foi bastante criticada por vários políticos e participantes que estiveram no I e II FSM. Em parte concordo com as críticas pois nos dois fóruns a mídia destacou o espetacular, o inusitado, ou o casual e o fortuito, ou ainda um corre-corre atrás das "estrelas" para as fotos e grandes manchetes; formou-se um coro relacionando todos os eventos como sendo manifestações da esquerda: ora do PT (nacional ou gaúcho), ora com a esquerda francesa, ora os radicais versus os moderados etc. Pouco se noticiou sobre o conteúdo dos trabalhos apresentados, especialmente nas atividades autogestionadas ou oficinas - onde o leque de experimentações apresentados foi grande e variado, centrado basicamente em processos alternativos, muitos deles desenvolvidos por ONGs e instituições do Terceiro Setor em parceria com os próprios órgãos governamentais, algumas com o apoio financeiro de organismos da cooperação nacional e internacional, como certos programas de corporações transnacionais.

Mas é preciso destacar também que a mídia brasileira deu, especialmente em 2002, espaço ao FSM, tanto quanto ao FEM/NY. A *Folha de São Paulo* criou uma seção diária "Qual Globalização". Uma semana antes do FSM a *Folha* publicou, em sua edição de domingo, o Caderno "MAIS" (n. 520, 27/01/02) com uma edição especial focalizando a discussão da globalização; a *Folha de São Paulo* realizou também inúmeras entrevistas com organizadores e convidados do Fórum, antes e depois do evento. Esse material constituiu um registro precioso para todos aqueles que se interessem pela análise do FSM e foi bastante utilizado neste texto.

A seguir apresentamos alguns destaques dos três encontros do fórum realizados em Porto Alegre e ao final do texto faremos uma breve comparação entre o 1º, o 2º e o 3º Fórum Social Mundial.

1- O I Fórum Social Mundial -Porto Alegre 2001

Procurando demonstrar que um outro mundo é possível, vinte mil pessoas reuniram-se no I Fórum Social Mundial em PA em 2001, para discutir essas ações inovadoras. Elas criticaram as políticas voltadas exclusivamente segundo os interesses do mercado, a

hegemonia do pensamento único, e construíram uma pauta de alternativas face às demandas sociais. O evento, organizado em tempo recorde por oito entidades¹, ganhou projeção inusitada: delegações de 122 países estiveram presentes (predominando as oriundas do Terceiro Mundo), quase 4000 delegados representaram 800 organizações sociais, cerca de 400 oficinas apresentaram trabalhos de experiências inovadoras no campo social que iam da formação de lideranças comunitárias aos trabalhos de geração de renda, trabalhos com grupos em situação de risco, ações de grupos de mulheres e suas diferentes frentes de lutas, projetos inovadores desenvolvidos nas escolas públicas, inúmeras experiências no campo da ecologia ambiental, resultados de ações de parcerias povo-governo, políticas sociais cidadãs voltadas para a inclusão social, novas formas de gestão de setores públicos via conselhos, práticas inovadoras de planejar a cidade e o Estado via orçamentos participativos etc. Os ecologistas estiveram presentes e o tema dos transgênicos roubou a cena na mídia, mas não foi o grande tema do evento. O grande tema foi o da desigualdade nas relações comerciais existente nas relações entre os países, acentuadas consideravelmente pela globalização. Este foi uma das grandes novidades da pauta do Fórum pois antes dele o tema gerador das desigualdades era colocado apenas na questão da dívida externa.

É importante registrar que desde o início o setor da cultura foi um dos eixos fundamentais de articulação dos discursos e da própria forma de estruturação das apresentações. A sessão de abertura contou com um mínimo de discursos, ela foi dominada pela música-onde o som dos tambores ecoavam como uma convocação geral e um grito de alerta, ou de revolta-, e representações coreográficas e simbólicas criaram o cenário de um mundo mágico e místico. Cerca de 1700 jornalistas cobriram a reunião, que foi denominado de anti-Davos- pela contraposição que ele representava ao Fórum Econômico Mundial.

A agenda do I Fórum Social construiu-se a partir de um repertório de propostas que pudessem ser alternativas ao modelo econômico neoliberal vigente. A reunião foi diferente dos protestos que vêm ocorrendo durante as reuniões de cúpulas no Primeiro Mundo,

¹ As oito entidades foram: uma central sindical-CUT- Central Única dos Trabalhadores, uma associação nacional de ONGS- a ABONG-Associação Brasileira de ONGs, e cinco outras ONGS a saber: CIVIS – Associação Brasileira de Empresários pela Cidadania, CJT-Centro de Justiça Global, MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, FASE- Federação de órgãos para a Assistência Social e Educacional, IBASE-Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Centro de Justiça Global e ATTAC- (Ação pela Tributação das Transações Financeiras em Apoio aos Cidadãos, a única de âmbito internacional).

porque não construído a partir de atos espetaculares de protestos mas de discussões e debates ao redor de projetos alternativos - ainda que tenha ocorrido uma marcha- prevista na programação oficial -, além de atos isolados de alguns manifestantes, e um ato de desobediência civil extra-Fórum que roubou à cena dos refletores da mídia, organizado pelo MST, com a participação do líder francês José Bové, que foi a destruição de trechos da produção de transgênicos, da multinacional Monsanto.

Planejado para contrapor-se ao fórum de Davos, o I FSM priorizou o social e não o econômico. O debate extra-oficial ocorrido entre George Soros e representantes do FSM deu visibilidade internacional aos que protestavam e propunham que " um outro mundo era possível" e acabou se constituindo num dos pontos relevantes do encontro de Porto Alegre. Os próprios organizadores afirmam que o confronto era previsto mas eles imaginavam que isso levaria alguns anos. Inicialmente Davos não aceitou um confronto institucional, depois alguns participantes de Davos concordaram em participar do debate de forma individual; resulta que o debate acabou entrando para a história como Porto Alegre versus Davos. Ele demonstrou que Davos não tinha respostas para as questões sociais colocadas por Porto Alegre, tais como sobre a fome e a miséria que atinge o Terceiro Mundo. O debate legitimou o encontro de Porto Alegre como um interlocutor válido e projetou o evento para o mundo todo: dois dias depois do debate, um compacto reproduziu-o nas principais redes de TV do mundo.

Um aspecto interessante do I FSM é que a grande mídia brasileira não percebeu inicialmente a relevância do encontro- porque estava mais preocupada em “ demonstrar suas teses”- qual seja, o suposto caráter político-partidário do evento. O novo movimento social transnacional surgiu a partir da reconstrução de alguns eixos de lutas, da construção de algumas utopias novas e, o fundamental- o delineamento de um sujeito coletivo, de caráter político, transnacional, composto pelas ONGs, sindicatos, movimentos sociais, representantes de alguns partidos políticos etc. A constituição deste "novo sujeito", composto por uma pluralidade de atores sociais diferentes, passou a ser um marco referencial importante para os povos que lutam contra os efeitos devastadores da globalização econômica e seu caráter excludente. A grande mídia no Brasil não apenas não entendeu o alcance político do I Fórum Social como procurou descaracterizá-lo.

Sabemos que a constituição de novos sujeitos coletivos requer algumas condições efetivas tais como: ser detentor de certos direitos políticos por representarem coletividades legitimadas socialmente; ter capacidade e habilidade para expressar as demandas daquelas coletividades; elaborar planos e estratégias de ação; ter habilidade para aproveitar ou criar oportunidades políticas favoráveis à ação coletiva; deter alguns recursos humanos e de infra-estrutura básica etc. O conjunto de condições assinaladas estiveram presentes em Porto Alegre e o novo sujeito político foi delineado, parte de um novo movimento social, o movimento antiglobalização, portador de um projeto político para uma nova sociedade, nos marcos da democracia, com ética, cidadania e participação direta dos cidadãos na gestão pública. O que se reivindicou não era um outro regime político- ainda que alguns manifestantes assim se expressassem (localizando-o nos moldes de uma sociedade socialista). O que a grande maioria dos movimentos, ONGs e entidades lá presentes demandavam, era uma sociedade desenvolvida, com as facilidades da informática e das comunicações, mas sem exclusão social, sem discriminações, com respeito às diferenças culturais e diversidades locais e regionais, uma sociedade regulada por governos que tenham uma nova agenda das prioridades. Um novo *frame* foi formatado, criando um marco referencial de um novo modelo de sociedade, resgatando a utopia que se dizia perdida e ou esquecida nos anos 90. Neste *frame* observou-se o que Le Goff tem assinalado: a desocidentalização da história, ou seja, questiona-se o chamado Primeiro Mundo e a hegemonia dos valores da sociedade norte-americana como o modelo ideal a seguir; ao mesmo tempo, valores orientais, centrados na vida, contemplação e espera, são resgatados como ideais.

A presença institucional da Universidade foi pequena no I Fórum Social, ainda que muitos de seus profissionais lá estivessem, usualmente em nome de outras representações, principalmente de ONGs ou associações de classe, e do próprio evento ter ocorrido nas dependências de uma universidade: a Universidade Católica de Porto Alegre.

O I FSM propiciou a articulação das múltiplas redes de associativismo existentes. Grupos de lideranças comunitárias- que no passado competiam e divergiam, encontraram uma linguagem comum, sentaram-se à mesa, e elaboraram pautas e estratégias conjuntamente. Movimentos sociais distintos discutiram em uma mesma sessão, ONGs uniram-se a sindicatos, movimentos sociais e outras entidades da sociedade civil. Este fato

é inédito e histórico, trata-se do respeito a diversidade de opiniões e aponta para uma grande articulação com inúmeras possibilidades futuras, no sentido da construção de alguns pontos de consenso que delineiem projetos alternativos aos modelos de exclusão social vigentes. Trata-se também de uma articulação de natureza diferente da que foi construída no passado da história do Brasil, em momentos de crise político institucional como as "Diretas Já", o impeachment de Collor etc. Desta vez a origem e o fundamento básico da articulação foi de ordem estrutural e não conjuntural; econômica e da cultural transnacional e não da política nacional.

O predomínio da diversidade de opiniões explica porque o evento não produziu um documento final único, a exemplo das grandes reuniões internacionais. O evento gerou inúmeras cartas e propostas, por áreas temáticas; e gerou diagnósticos nas 400 oficinas ocorridas. Dentre os documentos finais elaborados ao final do I FSM destacamos um elaborado por 184 entidades da sociedade civil para verificarmos o perfil dessas entidades. Obtivemos os seguintes dados: dentre as 184, 42 eram brasileiras. A área de atuação dessas 42 brasileiras eram: 12 movimentos sociais (02 na área de Direitos Humanos, 03 de Mulheres {02 agricultura e 01 afro-descendente), 01 de Moradores atingidos por grandes obras estatais, 02 de Conselhos Populares, 01 contra a Fome, 01 de Consulta Popular, 01 de trabalhadores(as) rural, e 01 Central de Movimentos Populares; 11 ONGs (03 de Jovens, 01 de Mulheres, 02 ambientalistas, 01 de Direitos humanos, 01 de cultura, 03 centros de estudos); 18 sindicatos sendo: 03 centrais, 02 associações e 13 sindicatos de categorias específicas). O perfil dos participantes segundo a área onde atuam dá-nos uma idéia sobre algumas das forças sociais do Brasil que se uniram no I FSM.

2- O II Fórum Social Mundial-Porto Alegre 2002

A segunda edição do evento reuniu na capital gaúcha 4909 entidades provenientes de 131 países, e contou com 51.300 participantes, sendo que 35 mil eram ouvintes e 180 eram convidados oficiais. As maiores delegações foram: Brasil (6503), Itália (694), França (533) e EUA (367). Foram realizadas 27 conferências- divididas em quatro blocos (produção de riqueza, acesso às riquezas, afirmação da sociedade civil, e poder político e ética); por volta de 800 seminários e oficinas. É importante destacar que ocorreu em 2002, durante ou nos dias que antecederam o II FSM, outros grandes encontros em Porto Alegre destacando-se o Fórum das Autoridades Locais - ele reuniu prefeitos de cidades da América

Latina, África e Europa para discutirem como reduzir a exclusão social; o Fórum Mundial de Juizes; O Fórum Parlamentar Mundial; Fórum Preparatório ao Rio+10; O Encontro Mundial da Juventude; um Fórum Mundial de Audiovisual; e até um Forunzinho Social reunindo crianças com a apresentação de oficinas sobre meio ambiente e pluralidade cultural. Alguns desses eventos estavam embutidos na própria programação do II Fórum Social Mundial.

A Participação dos Movimentos Sociais

Os principais movimentos sociais que participaram do II FSM foram: rurais-movimentos dos sem-terra onde se destacaram o MST - embora com bem menos destaque que em 2001; a Via Campesina, com grande presença de mexicanos e equatorianos, e alguns franceses. O movimento indígena contou com a presença de alguns "símbolos" internacionais, como a guatemalteca Rigoberta Menchu-Prêmio Nobel da Paz em 1992, mas não contou com a presença vários representantes de tribos indígenas de fato. Havia muitas ONGs que trabalham com eles (ou falam por eles, segundo alguns); o movimento mais visível e articulado foi o das mulheres, embora a maioria pertencesse a ONGs (e não a movimentos de mulheres propriamente ditos). O movimento ambientalista esteve presente e novamente o tema dos transgênicos dominou a cena, mas desta vez no plano dos debates ou mini-passeatas pacíficas; o movimento dos descendentes de africanos esteve presente também mas não teve visibilidade proporcional ao seu número populacional no Brasil (para não dizer no mundo). Dos movimentos sociais populares urbanos, o movimento pela moradia foi o mais atuante, tanto em atos de protesto organizados pela Central dos Movimentos Populares, como no plano dos debates, articulados por um pool de entidades onde se destacava o Fórum Nacional pela Reforma Urbana e grupos do Habitat. A questão da saúde, muito presente no Brasil atual devido a epidemia da dengue naquele ano, não teve repercussão no conjunto dos movimentos que tiveram maior visibilidade. Outro movimento social com pouca participação no II FSM foi o dos homossexuais. O movimento sindical esteve bastante presente, via CUT e algumas federações internacionais, com a CIO americana, mas não teve a mesma visibilidade nas manifestações como teve em 2001 (embora a mídia sempre o tenha destacado).

Para exemplificar a diversidade de entidades que participaram do II FSM, mapeamos, a partir do programa distribuído no Fórum (um "calhamaço" de jornal), o perfil

de suas 27 Conferências, segundo as entidades que representavam seus palestrantes. Escolhemos as Conferências porque elas eram os eventos principais - aglutinadas em quatro eixos temáticos, ocuparam o maior tempo e os maiores espaços físicos no II FSM. Todas as manhãs teve -se uma média de 7 conferências simultâneas e alguns seminários; o período da tarde o tempo foi direcionado para a quase totalidade das 800 oficinas e seminários ocorridos. O resultado que obtivemos com o mapeamento das Conferências demonstram-nos que predominaram as redes de ONGs internacionais, alguns movimentos sociais podem ser identificados, tais como o sindical, os rurais, de mulheres, étnicos, religiosos etc. Os ambientalistas são de identificação mais difícil porque se confundem com as próprias ONGs que criaram. Outra dificuldade no mapeamento: os povos indígenas - além de defrontarmos com a mesma dificuldade de distinguí-los (quando se trata de uma ONG ou do próprio movimento), temos ainda a presença de Conselhos Institucionalizados (conquistas do movimento e das ONGs que atuam sobre o tema mas são organizações que situam-se em outra esfera pois extrapolam a sociedade civil e adentram na sociedade política, muitas vezes como órgãos de mediação entre os povos indígenas e o Estado, na execução de políticas públicas).

Apesar de todas as dificuldades e possibilidades de equívocos que uma classificação envolve, encontramos 113 entidades entre ONGs, organizações várias, movimentos sociais, sindicatos, e universidades e centros de estudos.

O que o detalhamento do mapeamento dos atores participantes das conferências nos revela: em primeiro lugar a predominância numérica das ONGs (83 num universo de 139 entidades); nas ONGs a expressiva presença de um tipo novo, organizada sobre a temática do comércio e dívida externa (36 das 83 ONGs presentes). Este número caracteriza a emergência de redes construídas pelo processo de desagregação das fronteiras nacionais e ao mesmo tempo, de controle das nacionalidades (as ONGs sobre os imigrantes). Estes dados nos revelam também a atualidade do FSM e o despropósito daqueles que o desqualificam como utopias retrógradas, atrasado. Os chamados temas sociais cotidianos da população atraiu pouca participação das ONGs na conferências do II FSM (Total de 14 sendo 6 saúde, 6 educação e 2 sobre alimentação). Jovens e produção cultural, temas muito relevantes para a discussão da questão da violência, por exemplo, atraíram também poucas entidades para as conferências.

Entre os movimentos sociais, a participação é mais eqüitativa: não houve nenhum que se destacasse numericamente em relação ao conjunto dos movimentos que foram representados nas conferências. Direitos humanos e o tema das mulheres predominaram (embora tenhamos classificado todas as entidades sobre mulheres no grupo dos movimentos sociais e algumas estruturam-se como ONGs. Mas atuam na rede de movimentos das mulheres e se confundem).

A presença dos sindicatos nas conferências foi pequena (ao contrário de sua expressiva participação no I FSM) e os centros de pesquisa demonstram o aumento da participação de pesquisadores da universidade (13) no II FSM.

O II FSM reuniu cerca de 15 mil jovens, a maioria brasileiros. Talvez tenha sido a maior concentração política de jovens depois das manifestações dos "cara-pintadas", no início dos anos 90, na fase do impeachment do ex-presidente Collor de Melo. Se compararmos com o resultados de algumas pesquisas recentes levadas a cabo pela própria UNESCO, onde 24% dos jovens brasileiros entre 18 a 25 anos de idade, não acreditam sequer que possam melhorar suas vidas e apenas 10% demonstraram algum interesse em temas relacionados com a comunidade, o interesse dos jovens pelo FSM é surpreendente.

O Caderno Folhateen da *Folha de São Paulo* fez uma reportagem sobre o II FSM com manchete em sua capa. em que dividiu os jovens participantes em três grupos :militantes, jovens sem saber bem o que estavam fazendo lá e jovens que integram ONGs e movimentos sociais.

A ciência e a tecnologia foram temas também debatidos no II FSM. O boletim divulgado na Internet "Uma outra ciência é possível?", destacou que se abordou as conseqüências da globalização no campo da ciência e da tecnologia. Segundo alguns pesquisadores, a Ciência transformou-se profundamente durante a década de 1990, após certos acordos comerciais internacionais. Hoje, com as novas leis de propriedade intelectual, a pesquisa científica estaria fortemente influenciada pelo capital. Transgênicos, patentes e o software livre foram citados e analisados no fórum.

O III FÓRUM SOCIAL MUNDIAL- 2003-Porto Alegre

O III FSM recebeu um tratamento diferenciado não apenas em sua organização mas após concluído seus resultados foram sistematizados numa publicação de cinco volumes que nos possibilita ter acesso aos dados com maior fidelidade.

Em 2003 no III FSM houve a participação de cerca de 100 mil pessoas (o que obrigou a descentralizar o fórum em múltiplos espaços da cidade de Porto Alegre. Dessas pessoas, 58.758 eram participantes credenciados (foram indicados por instituições ou se inscreveram por conta própria, pagando uma taxa monetária de inscrição, como delegados, participantes ou acampados). Os participantes vieram de 132 países, predominando os brasileiros seguidos pela ordem percentual por: argentinos, uruguaios, chilenos, paraguaios, franceses, e americanos. Do Brasil, o estado que mais participou foi o que hospedou o FSM: Rio Grande do Sul. Eles participaram de um total de 1.500 eventos promovidos. Esta "população mundial se subdividia, segundo sexo em: 49% homens e 51% mulheres. A predominância das mulheres, embora numa diferença pequena, é reveladora de dois fatos sociais: a presença da mulher em atividades na esfera pública (lembrando que historicamente elas passaram centenas de anos confinadas no âmbito particular/doméstico), e a presença das mulheres nas organizações e movimentos sociais. Em termos de nacionalidade, segundo dados do próprio FSM, os brasileiros predominaram nas categorias: delegados, participantes e acampados.

Ao analisarmos os dados relativos ao grau de escolaridade sistematizados pelo comitê do FSM do III FSM, observa-se a predominância de pessoas com nível superior (completo/incompleto e 9,7% com Mestrado e Doutorado). Esses dados corroboram alertas feitas por Cândido Grybowsky ; "...déficit essencial a destacar, e os dados apontam para isto, é de ordem sociocultural. Sem dúvida o FSM agrega setores expressivos da cidadania organizada e com meios para intervir numa arena globalizada? Onde estão as pessoas que vivem em favelas, os setores populares das grandes cidades, indígenas, camponeses? (Grybowsky, 2004: 7). O quadro das ocupações dos participantes do III FSM nos confirma o mesmo cenário: a maioria trabalha (em atividades privadas, ONGs, funcionários públicos etc.) e apenas 17,3% como autônomos ou por conta própria. Sabemos que a grande maioria das camadas populares ou estão completamente excluídos do mercado de trabalho, ou estão no setor informal). O quadro relativo as religiões dos participantes revela-nos, de um lado algo que deve ser visto como natural: a predominância dos que declaram a religião cristã católica, tendo em vista que essa é a religião predominante no Brasil e a maioria dos participantes eram brasileiros. Mas o leque de outras religiões e crenças era diversificado,

entre outras categorias do cristianismo, o budismo, o judaísmo, o hinduísmo, o islamismo etc.

Foram 13 os idiomas oficiais e 2.660 organizações participantes, 132 painéis; 10 grandes conferências com 36 conferencistas; e 4 mesas de diálogos e controvérsias. Foram convidados pelo Comitê organizador 292 expositores (as). Essas atividades se estruturaram ao redor de cinco eixos temáticos a saber: desenvolvimento democrático sustentável; princípios e valores, direitos humanos, diversidade e igualdade; mídia, cultura e alternativas à mercantilização e à homogeneização; poder político, sociedade civil e democracia; e ordem mundial democrática, luta contra a militarização e pela paz. Ocorreram ainda no III FSM de 1.200 atividades autogeridas, ou as oficinas, como se popularizou chamá-las (de um total de 1619 inscritas). Na realidade essas atividades se dividiam em oficinas, cursos, seminários, encontros e outras denominações e se constituem um leque que representa o que de fato se faz em termos de trabalho de organização na sociedade civil. Isto porque elas são propostas pelos seus participantes, diferentemente dos painéis, conferências e mesas de diálogos e controvérsias que são organizadas pelo comitê do FSM a partir de temas selecionados e do curriculum de vida dos palestrantes.

Uma análise detalhada dessas atividades exigiria muito mais que um artigo. Apresentamos apenas alguns destaques, a saber: um movimento humanista argentino inscreveu 64 atividades e organizou, de fato mais de 80. Os partidos políticos de esquerda estiveram bastante presentes: A Revista Marxismo Vivo foi a Segunda em número de atividades inscritas, com 19 atividades, seguidas da fundação Rosa de Luxemburgo, com 18 atividades. Os sindicatos também estiveram presentes e só a CUT brasileira organizou 14 atividades, o mesmo número de atividades organizadas pela universidade. Se observarmos os temas dessas atividades temos algumas surpresas: o das mulheres (e não o de gênero), foi o de maior destaque, em 69 atividades, seguido do de cultura com 64; humanismo com 60 e espiritualidade com 41. Problemas sociais graves, como os sem-tetos e os sem-terra foram objeto de apenas 2 atividades. Mais estranho ainda quando observamos a quase completa ausência do MST como promotores de atividades, tendo em vista que seus militantes lá estiveram desfilando com suas bandeiras, formando blocos e coreografias nas concentrações e manifestações. Aliás, a respeito dos movimentos sociais encontramos apenas 12 atividades ou seja, 1% do total, denotando um tema que não é tratado como

objeto de reflexão embora se diga que o FSM é composto por centenas de movimentos. O mesmo pode ser dizer das ONGs: 7 atividades a respeito. A não reflexão sobre as formas organizativas expressas em movimentos ou ONGs aparece também na sistematização publicada pelo próprio FSM, no volume organizado por Tânia Pacheco sobre as atividades autogeridas. Na seleção que a autora fez das atividades ela não incluiu uma das raras oficinas realizadas sobre os Núcleos de Pesquisas sobre Movimentos Sociais existentes nas universidades.

3- Esboço de uma comparação: FSM 2001, 2002 e 2003

A primeira comparação que surge é a numérica. No I FSM participaram 20 mil pessoas; no II FSM este número mais do que dobrou, indo para a casa dos 50 mil; e no terceiro, com 100 mil participantes, o número dobrou em relação ao segundo e teve cinco vezes mais participantes que o primeiro. O número de delegados credenciados por instituições também acompanhou este crescimento: 4.700 no I; 12.300 no II; e 20.700 no III. O número de atividades auto-geridas revelam também a penetração e repercussão que o FSM obteve ao longo de três anos: 420 no I; 722 no II; e 1286 no III.

A mídia, principalmente a internacional, é um fator relevante no FSM porque ela auxiliou na construção desse novo ator social global ao dar visibilidade para suas ações, ao contrapô-lo ao Fórum Econômico e ao publicizar a possibilidade de um outro tipo de globalização, a da solidariedade, cultural, ética, que se contrapõe à globalização econômica-financeira, excludente e promotora de iniquidades sociais. O número de jornalistas credenciados para participar das três edições do FSM de Porto Alegre revela também o crescimento do interesse pelo evento: em 2001 foram 1870; em 2002 - 3054; e em 2003- 4094. Dado que a mídia é uma das fontes na elaboração deste texto, vamos sistematizar seu olhar em termos comparativos.

Iniciamos pela cobertura dada pela mídia nacional. No primeiro fórum o estilo de abordagem foi de um certo descaso, inicialmente tratou-se o FSM como um fato menor. Quando se observou que o evento atraiu mais de 1000 jornalistas de diferentes partes do mundo, e que o próprio George Soros dialogou com representantes do fórum, a mídia nacional tentou correr atrás do prejuízo, em termos de ter perdido manchetes mas já era tarde. O que se viu publicado foi muito "pobre" comparado com o que de fato ocorreu lá.

Após o evento, por vários dias, tanto participantes do Fórum como políticos, até os jornalistas formadores de opinião, todos escreveram comentando o evento.

O II Fórum realizou-se numa conjuntura política completamente diferente. O clima pós-atentados 11 de Setembro, a guerra no Afeganistão e a crise na Argentina deslocaram o eixo das discussões no plano internacional. Internamente, o clima pré-eleitoral brasileiro de 2002 e os problemas na área da segurança pública, inclusive com a morte do prefeito de Santo André, Celso Daniel, pertencente ao PT, às vésperas do fórum, deram ao evento outra conotação. Os organizadores do II FSM se esforçaram para que ele tivesse um caráter propositivo, que apresentasse um avanço em relação ao rol de atividades e debates fragmentados do ano anterior. Procurou-se centrar o foco no debate de propostas, não se restringir as críticas, e criar um clima de tolerância, respeito a diversidade cultural, e defesa da paz no mundo para que "outro mundo fosse possível", slogan e refrão explorado exaustivamente em faixas, cartazes, CDs preparados para o evento, propaganda veiculada pela TV Educativa do Rio Grande do Sul-que deu ampla cobertura aos dois eventos transmitindo suas principais sessões ao vivo, assim como a parte cultural noturna, além de fazer sinopses de vários debates e inúmeras entrevistas com "as estrelas" presentes. A não participação de organizações relacionadas à lutas armadas gerou até conflitos durante o fórum. Carlos Tibúrcio, da Attac (uma das oito entidades que compõem o comitê organizador do Fórum), afirmou que as questões levantadas neste encontro tomaram outro rumo. "Enquanto a primeira edição funcionou para romper com o pensamento único, a segunda dirigiu-se a uma faceta cruel desse pensamento: a política de guerra de Washington" (Boletim do vereador Nabil Bonduki sobre a avaliação realizado do II FSM por um grupo de participantes do encontro).

A mídia nacional paulista cobriu o evento em 2002 destacando dois pontos: o diferente e o inusitado- de forma muitas vezes depreciativa (não diferindo neste ponto em relação ao tom dado em 2001); e de forma comparativa ao que ocorria em Nova York. A mídia destacou que, no Fórum Econômico em Nova York, temas sociais como a pobreza, e a necessidade da retomada do crescimento econômico, foram os eixos predominantes dos debates. Ocorreu no FEM/NY até críticas à globalização corporativa (que só beneficiaria as grandes corporações). Em síntese: a pobreza e a miséria no mundo, a necessidade de justiça global para que se obtenha a segurança global, a intolerância, e o antiamericanismo

foram assuntos tratados na reunião. "Precisamos enfrentar a pobreza, precisamos enfrentar o desespero, precisamos enfrentar a desesperança" disse Colin Powell, segundo relato de Clóvis Rossi, enviado da *Folha de São Paulo* para cobrir o FEM/2002 (*Folha de São Paulo*, 2/02/02, A6).

Um ponto comum na mídia nacional na cobertura do Fórum Social, tanto em 2001 como em 2002, foi a associação do evento como uma manifestação da oposição. O tom eleitoral dado por alguns participantes em 2002 foi criticado não apenas por articulistas dos jornais mas feito também por alguns convidados estrangeiros dando origem a manchete de 1ª página na *Folha de São Paulo* de 4/02/02 " Tom eleitoral do evento é criticado". Pesquisadores da academia, como A.Touraine, também citaram a questão político-eleitoral. Touraine considerou que o II FSM foi perdendo destaque na mídia, em comparação com o Fórum que ocorria simultaneamente em Nova York, porque este último acolheu temas sociais, mas ele agregou também a hipótese: "Talvez porque o Fórum de Porto Alegre, por sua própria natureza, tenha sido um lugar mais de protesto do que de apresentação de propostas, mas também- embora isso seja um aspecto secundário- porque tenha sido utilizado por políticos ou políticas de diversos países" (Touraine, 2002, Cad. Mais, 10/03/02, op. Cit).

Ao final do II FSM, poucas reportagens foram publicadas na mídia analisando o fórum. As poucas que surgiram, da parte de profissionais da mídia, foi para cobrar a falta de resultados e propostas " não se avançou do protesto entrincheirado, ou mesmo obsoleto, ao esboço efetivo da alternativa" (Cândido Mendes, *Folha de São Paulo*, 7/02/02,p. A3). Augusto Boal discordou de afirmações como a de Cândido e apresentou três teses que ele sistematizou a partir da apresentação de 15 grupos de Teatro do Oprimido (3 do MST, 5 do Teatro Legislativo do Rio, 2 do OP/Santo André, e mais 5 de outras cidades brasileiras. As teses são:1- A dívida externa deve ser paga mas seu valor não pode ultrapassar o valor da própria dívida contraída (e o Brasil "já pagou sete vezes o que tomou emprestado. Até quando deve durar a sangria?; 2- Direitos adquiridos podem ser perdidos quando se prova que são ilegítimos; 3-O ser humano procede o lucro, e não o seu contrário. (ª Boal "Três teses de Porto Alegre", *Folha de São Paulo*, 22/02/02, p. A3).

Os próprios organizadores do II FSM e seus participantes pouco escreveram na mídia impressa imediatamente após a conclusão do evento, exceto Emir Sader informou que o fórum será a partir de agora dirigido por um conselho internacional e destacou que o fórum continuará com seu caráter de elaborar propostas alternativas à ordem econômica neoliberal e à política belicista. " A polarização essencial se desloca, assim, daquela entre "sociedade civil" e Estado, de origem liberal para a que opõe esfera pública ao domínio do mercado. As propostas alternativas incorporam a democratização do Estado, a socialização da política e do poder...[...]. Para enfrentar esse desafio, temos que ser capazes de convocar o que de melhor o movimento de resistência à globalização neoliberal produziu, o que o pensamento crítico e os movimentos sociais e políticos geraram, para permitir que o projeto de globalização alternativa possa se nutrir da força intelectual, moral e histórica que permita construir um mundo pós-neoliberal objetivo do humanismo no novo século.(E. Sader"Porto Alegre e o pós-neoliberalismo", *Folha de São Paulo*, 15/02/02, p. A3. É interessante registrar que o artigo de Sader acabou suscitando um debate com um dos formadores de opinião, com direito a réplicas e respostas (Vide *Folha de São Paulo*, Clóvis Rossi (16/02/02, p. A2); e Emir Sader e Clóvis Rossi na Coluna do Leitor (19/02/02, p. A3). Talvez a semana do carnaval brasileiro, logo em seguida à semana do Fórum, e a turbulência na área da segurança tenham contribuído para o esvaziamento do debate.

A terceira edição do FSM foi realizada numa conjuntura política brasileira totalmente diferente dos anteriores. Luiz Inácio Lula da Silva havia sido eleito presidente do Brasil em outubro de 2003 e milhares de participantes, adeptos do Partido dos Trabalhadores e/ou membros de instituições e movimentos que apoiaram a candidatura Lula, estavam em plena "lua-de-mel" celebrando a vitória de seu candidato, que havia tomado posse no cargo há menos de um mês. A participação de Lula em evento ao ar livre, na abertura do fórum foi um ato festivo. A ida do presidente, logo a seguir, para Davos, para participar do Fórum Econômico Mundial foi interpretada pelos militantes e entusiastas do PT como um ato de conquista e de força da liderança do presidente brasileiro no cenário internacional. A mídia brasileira teve uma outra atitude na terceira edição do FSM: 808 jornalistas brasileiros cobriram o evento, num universo de 1133 (observa-se que a mídia continuou a dar atenção ao FSM mas o crescimento do número de jornalistas não foi proporcional ao crescimento do número de participantes do FSM como um todo)..

No Fórum de 2001, solicitou-se às entidades participantes para trazerem uma pedra (gravado o nome da organização), para criar um mosaico emblemático e impactante. De fato a idéia foi um sucesso, foi filmada e fotografada por todos que lá passavam, e quem não trouxe a pedra tinha a oportunidade de adquiri-la no próprio FSM, gravando-a com os inúmeros artistas/artesões que lá estavam. As pedras foram colocadas, após o término do Fórum, num lugar público da cidade de Porto Alegre, expostas para visitaçao. Em 2002 este ritual se repetiu para os novos participantes, mas as pedras já iam para o local de visitaçao. Em 2002 foi destacado a doaçao de livros para a formaçao de uma biblioteca. Mas este fato não produziu o mesmo impacto simbólico que as pedras de 2001.

Há um ponto de consenso entre os participantes: o II Fórum foi, além de mais amplo e melhor organizado, muito menos fragmentado do que o primeiro. Mas as diferenças entre as organizaçoes e movimentos, assim como entre as tendências da esquerda, e centro-esquerda e liberais propriamente ditos ficaram bem mais evidentes. O pluralismo não encobriu as marcas, ou os *frames* de cada um, ao contrário, evidenciou suas contradicoes. Contardo Calligaris, no texto " Entre POA e NY: mal entendidos e um grito de guerra", captou com bastante acuidade essas contradicoes. Diz ele " a sociedade ideal para a nova esquerda seria, provavelmente, um mundo de artesões independentes e de pequenos proprietários rurais, livres e alérgicos a qualquer forma de poder central. É um sonho distante do gosto da esquerda tradicional por Estado e partido"(*Folha de São Paulo*, 14/02/02, p. E8). No mesmo jornal, Otávio Frias Filho (2/02/02, A2); Plínio Fraga (06/02/02, p. A12); e Marcelo Coelho (20/02/02, p. E8), em formas e exemplos distintos, também destacaram as contradicoes. Talvez isso seja uma pista para nos explicar porque cobrou-se - tanto da parte dos organizadores (ao recomendarem que as sessões tivessem caráter propositivos), como da parte dos articulistas da mídia, (antes, durante e após o II FSM), para que ele desse "respostas" e não só diagnósticos. Na realidade, o que a mídia esperava e passou a cobrar eram propostas concretas, soluçoes, sob a forma de um receituário que cure ou minore os malefícios da globalizaçao capitalista. O que muitos militantes que têm se engajado tanto no movimento antiglobalizaçao, como no Fórum Social Mundial esperam, é que se desenvolva uma nova utopia, que aponte caminhos sem repetir os modelos da esquerda tradicional no século XX. Essa nova utopia está sendo construída, as contradicoes entre os grupos do FSM travam um embate surdo em torno de

seus pontos centrais, e certamente não será um único modelo formatado todo corretinho que surgirá desta profusão de idéias, práticas, inovações, experimentações pois diferentes projetos políticos sustentam os grupos em contenda.

Segundo Tarrow (1994), as pessoas constroem as ações coletivas por meio de repertórios conhecidos, de disputas, e pela criação de inovações ao redor de suas margens. Em suas bases há redes sociais e símbolos culturais por meio dos quais as relações sociais estão organizadas. O coletivo dos participantes de Porto Alegre articulou um repertório de protestos que une demandas dos setores excluídos de várias camadas sociais, ao contrarestar as políticas que geram desemprego, violência e a miséria crescente nos grandes centros urbanos, assim como a degradação do meio ambiente, o desgaste físico e stress contínuos que as novas rotinas do trabalho globalizado estão impondo, além da insegurança e falta de horizontes quanto ao destino futuro dos indivíduos em seus empregos e em suas condições de vida em geral.

Portanto, para nós a grande inovação do Fórum Social foi a reafirmação de uma rede social global de cidadãos que demanda um novo mundo do trabalho, onde haja emprego para todos e todos não sejam ‘escravos’ do ritmo de trabalhos alucinantes.

O Fórum demonstrou, principalmente para as ONGs, que é necessário fazer política, no bom sentido; e que a política é legítima. Quando o I Fórum Social iniciou-se, o jornal *Le Monde Diplomatique* publicou a seguinte manchete “ O Século XXI começa dia 25 de Janeiro em Porto Alegre”. Immanuel Wallerstein, prof. de Yale (EUA), em entrevista à *Folha de São Paulo*, quando indagado se Porto Alegre significava uma nova era para os movimentos sociais, como disse um ministro francês durante o II FSM, declarou: "Concordo, mas não creio que se trate do começo. Este ocorreu em 1968. Mas Porto Alegre marca um ponto de inflexão, pois mostra que uma nova forma de estratégia pode existir- uma estrutura descentralizada de múltiplas organizações locais, nacionais e internacionais com inúmeros objetivos imediatos, trabalhando em conjunto em busca de um objetivo comum, que é o de limitar os estragos da ofensiva neoliberal. Essas organizações demonstram muita tolerância em relação à idéias divergentes para se concentrarem no objetivo prioritário. Mesmo assim há perigos, as forças de Porto Alegre têm de encontrar um modo de ir além das ações defensivas - embora elas sejam necessárias. Devem apresentar um programa concreto de transformação mundial. Isso não será fácil, mas não é

impossível." (*Folha de São Paulo*, Wellerstein desfaz a 'ilusão do progresso', 10/02/02, p. A7).

Um dos documentos elaborados pela ONG FASE sobre o I FSM destacou: " as diferentes redes e movimentos sociais apontaram para o fato que os direitos humanos passam a ter, neste início de século, um sentido prático de resistência e formulação de alternativas. Para fortalecermos a plataforma e as demandas dos movimentos sociais urbanos e da sociedade civil, para unificarmos as redes e fóruns sociais de sujeitos coletivos, para aprofundarmos a luta pela democratização e reforma urbana, propomos o debate nacional sobre a proposta de uma Carta Brasileira dos Direitos Humanos na Cidade" (FASE, *Por uma Carta dos Direitos Humanos na Cidade*, 2001). E essa tarefa foi cumprida em 2002, não apenas pelo grupo dos temas urbanos como pelo das políticas sociais, conforme exemplificação acima.

O que pedem os manifestantes de Porto Alegre e dos demais movimentos contra as atuais políticas globalizantes só é possível por meio de políticas diferentes das vigentes. O que eles querem é algo mais do que demandas localizadas, bens ou equipamentos sociais coletivos, ou direitos sociais igualitários- a exemplo dos movimentos sociais predominantes nos anos 70 e 80. O que eles querem é o direito de interferirem nos destinos de seus países, de preservarem as culturas locais, de não serem invadidos por produtos que desorganizam seus mercados e geram desemprego. Os militantes querem o direito à preservação da vida humana no planeta e que homens e mulheres, de qualquer raça, etnia, idade ou nacionalidade, possam conviver de forma harmoniosa com o meio ambiente que os cercam, com o planeta que habitam, e com o universo a que pertencem. Portanto, o discurso dos manifestantes de Seattle, Praga, Washington, Porto Alegre e tantos outros que ainda virão, tem sentido e substância.

Referências Bibliográficas

- ALBERT, Michael, 2002, "Qual mundo é possível", *Cadernos DIPLO*, Le Monde Diplomatique, n. 3, p.18-21
- BARREZ, Dirk. 2002. *Une autre mondialization est possible*. Paris, Le Roseau Vert/Oxfam
- CASTELLS, Manuel. In NASSIF, Luis. *As Caras da Globalização*. *Folha de São Paulo*, 28/05/2004
- CATTANI, Antonio David (Org). 2001. *Fórum social Mundial. A construção de um mundo melhor*. Petrópolis/Porto Alegre, Vozes/UFRJ/Veraz Com./CORAG/Unitrabalho

- COHEN, Robin; RAI, Shirin M. 2000. *Global social movements*. London, The Atholene Press
- GEORGE, Susan. 2002. *O Relatório Lugano*. Ed. Boitempo
- GLASS, Verena. 2004. Outro Mundo. *Agência Carta Maior*, 23/01/2004
- GOHN, Maria da Glória. 2002. De Seattle a Gênova -uma radiografia dos movimentos antiglobalização. *CADERNO MAIS*, n. 520, p.14-15, *Folha de São Paulo*, 27/01/02
- FARRO, A 2003. *Actors and conflict at the globalisation movements*. International Conference Subjects and Institutions: Social movements at a global cross-roads, Tokio
- Forum social mundial. *Coleção Forum social Mundial 2003*. Rio de Janeiro, IBASE, 2003.
- GOHN, Maria da Glória. 2003. *Movimentos sociais no início do século XXI*. Petrópolis, Ed. Vozes .
- HOUTART, François e POLET, François. 2002. *O outro Davos*. SP, Cortez Editora.
- LIMA, Marinus Pires. 2003. *Movimentos Colectivos face à Globalização*. Projeto pesquisa, Lisboa, ICS.
- NEGRI, Toni. 2002. "Negri, defende antiliberalismo globalizado", *Folha de São Paulo*, 3/02/02, p. A12
- HARDT, Michel e NEGRI, Toni.2003 in FISHER, Wiliam and PONNIAH, Thomas. *Another World is Possible - popular alternatives to globalization at the World Social Forum*. London, Zed Books
- KLEIN, Naomi. 2002. Naomi Klein, 2002, *Cadernos Diplo, Le Monde Diplomatique*, p.22- 25.
- PIANTA, Mário. 2001. *La globalizzazione dal basso.Economia mondiale e movimenti sociali*. Roma, Manifestolibri.
- SEONE, José e TADDEI, Emílio. (Orgs).2002. *Resistências Mundiais (de Seattle a Porto Alegre)*. PetrópolisVozes/Clacso
- SEONE, José (Org) 2003. *Movimientos sociales y conflicto en mérica Latina*. Buenos aires, CLACSO.
- TOURAINÉ, A 2002 " O eixo da inquietude", *CADERNO MAIS*, n. 526, p. 3, *Folha de São Paulo*, 10/03/02

